

**PADRÕES ESTÉTICOS E  
ATUAÇÃO PROFISSIONAL  
DE MULHERES  
TELEJORNALISTAS: uma  
pesquisa exploratória**

AESTHETICAL PATTERNS AND  
JOB PERFORMANCE FOR  
WOMEN TELEJOURNALISTS: an  
exploratory research

ESTÁNDARES ESTÉTICOS Y EL  
TRABAJO PROFESIONAL DE  
MUJERES PERIODISTAS DE  
TELEVISIÓN: un estudio  
exploratorio

**Luis Mauro Sá Martino<sup>1</sup>  
Julya Vendite Zancoper<sup>2, 3</sup>**

**RESUMO**

Embora a beleza não esteja entre os pré-requisitos da prática jornalística, ela parece ser um elemento importante na escolha de apresentadora de telejornais. Este artigo, ponto inicial de uma pesquisa em desenvolvimento, delinea alguns aspectos dessa demanda, colocada para as jornalistas, de atingir um determinado padrão hegemônico de beleza no telejornalismo. A partir do

<sup>1</sup> Graduado em Comunicação pela Faculdade Cásper Líbero, com Mestrado e Doutorado em Ciências Sociais pela PUC-SP. Pós-Doutorado na School of Political, Social and International Studies na University of East Anglia, na Inglaterra. Professor do PPG em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero. E-mail: [lnsamartino@gmail.com](mailto:lnsamartino@gmail.com).

<sup>2</sup> Graduanda em Jornalismo na Faculdade Cásper Líbero. E-mail: [julya\\_vz@hotmail.com](mailto:julya_vz@hotmail.com).

<sup>3</sup> Endereço de contato dos autores (por correio): Faculdade Cásper Líbero. Av. Paulista, 900, Cerqueira César, CEP: 01310940 - São Paulo, SP, Brasil.

observação das apresentadoras dos principais telejornais da TV aberta, nota-se a presença de um padrão – apresentadoras brancas, de cabelo castanho, dentro de um tipo físico considerado “magro”, com pouco espaço para jornalistas fora desse modelo. Esse padrão é discutido a partir do ponto de vista de questões de identidade e poder simbólico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Telejornalismo. Identidade. Mulheres. Poder Simbólico.

#### **ABSTRACT**

Although beauty is not an explicit demand our condition to anyone interested in becoming a journalist, it seems to have become an increasing element in the choice of female television news presenters. This paper outlines some aspects of the beauty demands concerning women in telejournalism. It examines the physical characteristics of female presenters of the main Brazilian television news programs to observe whether there is any common feature among them. Observation suggests a pattern – a thin, white, and brown hair woman, with little presence of any woman outside this model. This findings are discussed mainly from the point of view of identity and symbolic power.

**KEYWORDS:** Telejournalism. Identity. Women. Symbolic Power.

#### **RESUMEN**

A pesar de que la belleza no es una de las condiciones para alguien ser periodista, parece se haber tornado un factor determinante en la elección de las periodistas. Este artículo describe algunos aspectos de la demanda de un determinado modelo hegemónico de belleza a las mujeres en las noticias de televisión. A partir de la observación de la presentación de las principales noticias de televisión, se nota la presencia de un estándar - blanco, cabello castaño, en un modelo físico considerado "fina" con poco espacio para los periodistas fuera de ese modelo. Este patrón se discute desde el punto de vista de los problemas de identidad y poder simbólico.



ISSN nº 2447-4266

Vol. 3, n. 6, Outubro-Dezembro. 2017

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2017v3n6p658>

**PALABRAS-CLAVE:** Periodismo de Televisión. Identidad. Mujeres. Poder simbólico.

Recebido em: 28.02.2017. Aceito em: 12.09.2017. Publicado em: 01.10.2017.

## Introdução

O telejornalismo vem passando por inúmeras transformações ao longo dos últimos anos. Estudos recentes de Coutinho (2013), Gomes (2009) e Temer e Tondato (2009) indicam, em perspectiva mais ampla, mudanças em vários elementos, desde os processos de seleção e apresentação dos textos, questões estéticas relacionadas à postura dos apresentadores e os modos discursivos de endereçamento das notícias. Temer, Assis e Santos (2013) focalizam a progressiva transformação de um ambiente de produção de notícias, e de que maneira isso pode ser relacionado com transformações sociais, de um lado, e no próprio meio jornalístico, de outro. Em particular, Temer (2014, p. 187) ressalta o aspecto do telejornalismo como um modo “agradável de receber as notícias”, pelo viés do telespectador.

Este texto avança observações iniciais de uma pesquisa exploratória, desenvolvida no âmbito de um Trabalho de Conclusão de Curso, destinada a fornecer diretrizes para uma investigação mais ampla sobre um conjunto de questionamentos referentes às questões estéticas e sociais relacionadas à presença crescente de mulheres no telejornalismo brasileiro. O texto discute em que medida o aumento da presença feminina no telejornalismo está relacionada à manutenção de determinados padrões estéticos socialmente estabelecidos. A partir de pesquisa exploratória, são discutidos casos e situações relacionadas à dupla face dessa crescente presença.

Parte-se do princípio de que padrões estéticos hegemônicos tendem a ser tanto mais reforçados quanto mais sutil é sua percepção. Essa é uma forma do que Bourdieu (1998) denomina como “violência simbólica”, na medida em que sua efetivação demanda, em certa medida, a concordância despercebida daquele que sofre esse tipo de violência. Isso ocorre devido ao ocultamento mais ou menos deliberado de práticas e discursos que tendem a apresentar a

dominação simbólica não só como “natural”, mas, mais ainda, como provedora de determinados benefícios para quem é atingido, invertendo o sentido da prática (BOURDIEU, 1998).

O questionamento central dirige-se a observar criticamente em que medida a presença de telejornalistas pode ser considerado uma transformação no sentido de uma maior valorização da mulher e da igualdade de oportunidades ou, por outro lado, um reforço de estereótipos e representações sociais previamente estabelecidos e, no caso, apenas apresentados com outra roupagem.

Na pesquisa exploratória que serve de base a este texto, a aparência das telejornalistas é lida a partir do questionamento a respeito de seu emprego como recurso para valorização de um determinado padrão estético, relacionado a práticas culturais mais amplas, exatamente em um espaço midiático que não se caracteriza por isso – trata-se, de fato, de um programa informativo no qual a aparência não é, ou não deveria ser, um critério de escolha.

O que parece estar em jogo, nesse aspecto, é um conjunto de transformações concomitantes nos modelos de jornalismo, com maior realce da figura do telejornalista – e, sobretudo, da mulher no telejornalismo – ao mesmo tempo em que se observa a persistência de determinadas representações no que tange à aparência do jornalista.

A partir da observação e categorização da coleta de dados da pesquisa exploratória, foi possível delinear certa repetição de determinadas características, sugerindo a existência de um padrão estético – e cabendo questionar, a partir disso, seus significados e ressonâncias culturais. Vale observar que a questão estética não é a única presente como forma identificável de manifestação de um “poder simbólico”, no sentido proposto por Bourdieu (1997), em ação.

Embora não seja o foco deste artigo, cumpre observar que, paralelamente às características estéticas, seria possível destacar outros pontos da presença das jornalistas, como seu posicionamento em comparação ao colega de bancada e, em particular, o tipo de pauta apresentado por cada um. Essa segunda análise se constitui como parâmetro possível na observação da atuação das mulheres jornalistas em relação ao que Kerstenetzsky (2002, p. 659) denomina “expectativa de gênero”, temática alicerce desta pesquisa quando analisamos os dados mapeados em um cenário de desigualdade de gênero.

A discussão sobre os discursos relacionados à estética e as condições de reforço ou manutenção de formas de dominação simbólica tem merecido uma considerável atenção de diversas pesquisadoras e pesquisadores. As relações entre o estabelecimento de determinadas configurações do corpo relacionadas à construção cultural de determinadas formas de percebê-lo como “belo” – em oposição a um “feio” igualmente demarcado – parece ter se exacerbado no ambiente midiático contemporâneo, responsável por uma divulgação sem precedentes dos padrões hegemônicos relacionados a esse fato (MORENO, 2008).

Mais sintomático dessas transformações é a presença, cada vez maior, de mulheres como apresentadoras do Jornal Nacional – primeiramente, com Lilian Witte Fibe, em 1996, assumindo a bancada ao lado de Bonner nos dias de semana, mas também com a participação de outras jornalistas, como Sandra Annenberg, aos finais de semana. No mesmo período, Heraldo Pereira torna-se o primeiro jornalista negro a apresentar o Jornal Nacional. Existem muitas questões possíveis, assim como significados diversos, que podem ser formulados a partir da observação desses fatos.

O significado dessas mudanças oferece margem a outros questionamentos. A escolha de novos âncoras, apresentadores e comentaristas

não passou despercebida do público. Em alguns casos, aliás, a reação foi negativa e violenta, como no caso de ataques racistas, via internet, recebidos pela jornalista Maria Júlia Coutinho, apresentadora das notícias sobre o clima. Além disso, em que medida essas escolhas da emissora poderiam ser interpretadas como uma “abertura” rumo à “diversidade” no telejornalismo? Em que medida essas transformações estariam relacionadas com o contexto mais amplo de transformações na sociedade brasileira, sobretudo a atividade de diversos grupos no sentido da conquista de direitos sociais, a começar por maior diversidade e representatividade?

Dessas perguntas possíveis, este texto questiona a existência de uma maior “diversidade” em contraste com a manutenção de determinados padrões estéticos de certa maneira enraizados e naturalizados no contexto cultural e que podem ser igualmente encontrados na escolha da mulher telejornalista.

### **Padrões estéticos e identidade profissional**

De acordo com dados obtidos por José Hamilton Ribeiro (1998) junto à Delegacia Regional do Trabalho, houve um aumento sistemático da presença de mulheres nos centros de produção jornalística do Brasil. Mas, como essa mulher está inserida no campo telejornalístico? Segundo o autor, Margarida Izar foi considerada “a primeira mulher repórter de São Paulo”, dentre um grupo de 52 jornalistas fundadores do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo, em 1937.

Não foi a primeira mulher na redação de um jornal fazendo jornalismo. Só que, antes de Margarida, mulher na redação trabalhava mais em culinária, suplemento feminino, sociais, os chamados assuntos de cama e mesa. Ela, não. Era repórter de geral, de pegar pauta de manhã e sair, com fotógrafo ou sem, para abrir caminho e

conseguir manchete (Ribeiro, 1998, p.40).

O tema da mulher no jornalismo, sobretudo no telejornalismo, perpassa por suas expectativas de posição na questão das pautas sugeridas e tange às questões estéticas quando essa mulher é posta em frente às câmeras. Por expectativas de posição entendemos o conceito trabalho por Celia Lessa Kerstenetzky (2002).

Trata-se de desigualdades que se repetem historicamente, entre grupos sociais, étnicos, de certas localidades, de gênero, de tal modo que ter nascido em um determinado grupo, local, etnia ou gênero revela-se o melhor preditor das chances de “sucesso” de um indivíduo dentro da sociedade, ou da quantidade de opções reais diante dele (Kerstenetzky, 2002, p. 659).

A especulação acerca do afastamento de jornalistas como, por exemplo, Cristiane Pelajo, Renata Ceribelli e Ana Paula Campos, destaques da notícia publicada na página Notícias da TV (Castro, 2016), do portal Uol, fez surgir o interesse dessa pesquisa por uma vertente que parece ter sido menos explorada quando se trata de telejornais, partindo do principal programa jornalístico brasileiro, o *Jornal Nacional*, analisando as questões estéticas que englobam a mulher jornalista como protagonistas da notícia. Se existem padrões estipulados, por que eles são aplicados apenas às mulheres? Qual a relação existente entre esses padrões e a desigualdade de gênero?

A identidade tende a ser construída a partir da interseção de inúmeras práticas e discursos, com os quais cada sujeito se depara ao longo de sua trajetória social. O ato de ser alguém é, nesse sentido, um fenômeno relacional, onde a todo instante os indivíduos são desafiados a redefinir suas identidades, em uma contínua articulação entre permanências e mudanças. Diversos estudos, como Gomes (2008), Campos (2008), Martino (2010) e Jenkins (2012)

indicam que a identidade está em constante movimento, definindo e se redefinindo o tempo todo nas práticas cotidianas.

No entanto, no cotidiano, os termos complexos presentes na formação da identidade de cada um tendem a ser pouco reconhecidos na relação com o outro. Sobretudo no ambiente midiático, a apreensão da complexidade identitária do outro tende a ser reduzida a uma série de padrões previamente estabelecidos, tomando a parte como o todo – a apreensão metonímica da alteridade, em geral, limita o outro aos seus elementos mais estereotipados, substituindo a possibilidade de compreensão das diferenças reais, a partir das quais se poderia instaurar um regime de diálogo, pela exacerbação de diferenças pautadas nos estereótipos de um imaginário historicamente sedimentado (MARTINO, 2016). No caso feminino, por exemplo, Bocayuva (2007) e Colling (2014) fazem um histórico desse imaginário de associação redutora da mulher em categorias e estereótipos reforçados no discurso.

Inventa-se um outro e, a partir dessa invenção, define-se como será a relação. Esse tipo de apropriação do outro pode ser visto em vários momentos nos quais a presença de uma diferença é socialmente realçada, como no caso de questões etárias, de classe, étnicas ou de gênero. No caso deste trabalho, nota-se um processo de redução da identidade profissional das telejornalistas à uma construção estereotipada do universo feminino.

A inserção de questões estéticas no discurso profissional pode ser entendida como um dos fatores de desigualdade mais visíveis, mas nem sempre discutidos e problematizados, no âmbito das relações de gênero. À princípio, cada campo profissional é dotado de suas próprias demandas e exigências de competência específica, geralmente associados ao domínio de algum tipo de técnica própria para a execução de uma tarefa (ANTUNES, 2009; NEGRI; LAZZARATTO, 2013). O modelo de gestão profissional atrelado à alta

velocidade das relações de mercado exige, dentro do modo de produção contemporâneo, uma sobrevalorização do domínio de determinadas competências facilmente objetivadas em uma maior “produção”, o que deixaria de lado outras questões dissociadas do universo do trabalho jornalístico, como sugerem trabalhos de Goulart (2015) e Almeida (2016).

No entanto, a observação das relações de trabalho a partir de determinados recortes, como, neste caso, é o foco na atuação das telejornalistas, permite entrever a existência de uma contradição, ou pelo de uma inserção exógena ao modelo acima descrito – a demanda por um padrão estético responsável por secundar a competência profissional e que, em alguns momentos, tende a ganhar o primeiro plano.

O silenciamento a respeito dessa questão parece estar sedimentada no senso comum, a respeito das ligações “naturais” entre o feminino e a beleza dentro de qualquer campo profissional (CAMPOS, 2007).

Em linhas gerais, essa discussão poderia ser pensada em termos de questionar a razão pela qual questões relacionadas à aparência, beleza e vestimenta são associadas, pelo senso comum, ao universo profissional das mulheres em contraste com sua pouca visibilidade, ou quase desaparecimento, no âmbito das relações profissionais masculinas. O cotidiano, espaço privilegiado de objetivação das razões práticas responsáveis por sua construção e manutenção, permite observar esse fenômeno em inúmeros momentos na medida de uma exigência implícita de preocupação com a aparência em campos profissionais distantes de qualquer relação com isso – o que não pressupõe sua existência.

Campos (2007), ao analisar as preocupações estéticas de professoras universitárias, questiona em que medida profissionais altamente gabaritadas, providas de todas as instâncias de reconhecimento simbólico de sua

capacidade profissional, alocam uma parte de seu tempo para preocupações de natureza estética. A princípio, sustenta a autora, essa não precisaria ser uma questão. Os resultados de sua pesquisa apontam para uma considerável diversidade no que tange a essa relação, impedindo qualquer definição mais apressada ou redutora. Trata-se de uma pesquisa realizada no espaço acadêmico.

Quando a atenção se volta para outros locais de atuação profissional, como o faz Gonçalves (2008), a demarcação dos espaços de diferença se acentua, tornando explícitos, muitas vezes, os elementos pressupostos como marcadores da violência simbólica presentes nesses espaços.

O circuito da dominação masculina, tal como formulado por Bourdieu (2007), inclui entre seus elementos a imposição de um arbitrário transformado, dessa maneira, em algo tacitamente entendido como óbvio. A associação, feita a qualquer custo e em qualquer circunstância, entre “mulher” e “beleza” pode ser entendida, seguindo as observações do sociólogo, como uma forma de caracterização e reforço de diferenças.

### **A demanda profissional por aparência**

Dia 17 de fevereiro de 2015, uma notícia publicada na página “Notícias da TV”, do portal Uol, anunciava: “Globo bane gordinhas e ‘cheinhas’ das bancadas do jornalismo”. Segundo o autor, Daniel Castro, na notícia que trazia o chapéu “Tela Magra”, a emissora “discreta e silenciosamente (...) se livrou de todas as apresentadoras de telejornais acima do peso nos últimos anos”. O primeiro indício teria sido a transferência de Mariana Godoy do SPTV para o *Globo News* em 2011. O autor ainda complementa:

“A obsessão por apresentadoras magras, principalmente em São Paulo e Rio de Janeiro, é criticada nos bastidores. Além da preferência ao visual em detrimento do conteúdo, a “política” da emissora contradiz com seu esforço por um jornalismo menos engessado e mais identificado com o brasileiro - que está acima do peso, mostram as estatísticas”.

(Castro, 2016).

A notícia é sintomática na medida em que explicita, com rara transparência, a existência de determinados padrões estéticos muitas vezes invisibilizados como “naturais” ou “esperados” dentro de uma relação culturalmente estabelecida entre a beleza e o feminino. Embora tenha sido uma notícia isolada, a partir de sua leitura podem ser delineadas inúmeras inquietações referentes às condições de poder, e mesmo de violência simbólica, existentes nas práticas estéticas implícitas ao modelo atual de telejornalismo.

Seria possível, nesse sentido, delinear um aspecto de compreensão do telejornalismo a partir da temática da estética e da possibilidade de definição de padrões para as jornalistas âncoras desvinculados de sua competência profissional e atrelada a sua condição física. Para tanto, esta pesquisa exploratória está focada no Jornal Nacional, telejornal com a maior audiência segundo os dados do Ibope.

Nos 23 anos iniciais de sua transmissão, o Jornal Nacional não contou com âncoras mulheres. A primeira dupla de apresentadores surgiu em 1972, três anos após a estreia do telejornal, composta por Cid Moreira e Sérgio Chapelin. A primeira apresentadora aconteceu só em 1993, nos revezamentos de plantões de sábado, com a participação da jornalista Valéria Monteiro. Em 1996, o telejornal escalou Lilian Witte Fibe para dividir a bancada de segunda à sexta, ao lado de Willian Bonner (JORNAL NACIONAL, 2004).

No quesito físico, Lilian seguia com as mesmas características estéticas de Valéria, ambas brancas, de cabelos castanhos e lisos e olhos castanhos.

Posteriormente, nomes como Sandra Annenberg, Fátima Bernardes, Patrícia Poeta e Renata Vasconcelos passaram pela bancada durante os dias úteis.

No telejornal, os âncoras assumem seus postos por anos durante a semana, se revezando em plantões de sábado, onde a rotatividade de rostos femininos é maior, mas não a de padrões. Entre abril de 2015 e abril de 2016, um ano, sete mulheres diferentes apresentaram o Jornal Nacional aos sábados, incluindo a atual âncora, Renata Vasconcelos.

Em fevereiro de 2014, o portal F5 da Folha Uol noticiou que o Jornal Nacional seria “apresentado pela primeira vez por duas mulheres. A escolha da emissora se deu por uma ação comemorativa para o Dia Internacional das Mulheres, como explicou Vitor Moreno, autor da notícia. Além de Patrícia Poeta, que na época apresentava regularmente o telejornal durante a semana, Willian Bonner seria substituído por Sandra Annenberg. A coluna ainda menciona que “todos os programas da emissora (incluindo entretenimento, jornalismo e esporte) farão menção à data, seja abordando assuntos relativos ao tema, seja substituindo apresentadores homens por âncoras mulheres” (Moreno, 2014).

Excetuando a ação comemorativa, a apresentação do telejornal feita por duas mulheres só se repetiu em novembro de 2015, sem um motivo especial. Na edição de sábado, 7 de novembro desse ano, o Jornal Nacional foi apresentado por Ana Paula Araújo e Giuliana Morrone. A notícia publicada pela página Sala de TV, do portal Terra, anunciava que “Mulheres derrubam última barreira na bancada do Jornal Nacional”(Benício, 2015).

O fato do acontecimento ter sido noticiado pode ser lido como uma indicação da naturalidade com que a inexistência de mulheres apresentando o jornal televisivo de maior prestígio causava. A necessidade de noticiar esse acontecimento, além de ressaltar seu aspecto pouco rotineiro, permite dois

questionamento iniciais: por que isso não aconteceu antes, de um lado, e por que ninguém se deu conta desse fato, de outro.

Um delineamento da resposta parece vir da perspectiva, avançada por Bourdieu (1997), relacionada à invisibilidade das formas de poder simbólico. Na economia das práticas, uma vez estabelecido um determinado modo de pensar, sua progressiva vinculação tende a torná-lo não apenas o elemento de prática já definida, mas, igualmente, um indicador das práticas futuras – na denominação do sociólogo, o momento em que o “habitus” tende a se comportar ao mesmo tempo como “estrutura estruturada” e “estrutura estruturante” (BOURDIEU, 1990; 2007).

Enquanto representante do primeiro, a leitura de que a bancada do Jornal Nacional é tomada como uma forma “comum” de funcionamento do programa, não devendo sua repetição causar nenhum tipo de questionamento – o que de fato só ocorre no momento em que, confrontado com uma novidade irreduzível ao esquema anterior, torna-se necessário refazê-lo para sua acomodação. Isso se dá, no caso, quando o fator novo é incluído nos esquemas perceptivos anteriores – por exemplo, transformar a novidade inapreensível em notícia a partir de critérios jornalísticos acionados nesse momento.

Embora o fato tenha sido motivo de repercussão, tratando-se do Jornal Nacional, a escalação feminina deixou de ser novidade no Jornal Hoje, também da Rede Globo. Vale o questionar, nesse sentido, por que a escalação de duas mulheres do Jornal Nacional foi motivo para surpresa a ponto de se tornar notícia? E, ainda, refletir até que ponto a “barreira”, à qual o autor se refere, de fato foi “quebrada” ou apenas momentaneamente rearranjada no sentido de satisfazer a determinadas demandas sociais relacionadas à participação de mulheres no principal telejornal.

Mesmo com uma queda de 28% em seus índices desde 2014, em março de 2016 (MEDIA DADOS, 2016) o Jornal Nacional registrou seu melhor empenho desde então, cravando 32 pontos de média em São Paulo e 38 pontos no Rio de Janeiro, segundo o Ibope. Vale destacar que cada ponto equivale a 69.4 mil domicílios na Grande São Paulo e a 43.3 mil domicílios na Grande São Paulo.

As possibilidades de repercussão geradas por esses índices, se evidentemente não podem ser tomadas de maneira homogêneas, o que resultaria imediatamente em uma crítica ingênua, tem, por outro lado, o potencial de serem entendidas em termos de sua possível articulação com inúmeras práticas sociais, sobretudo, no caso analisado, referentes ao universo feminino. Nesse aspecto, o telejornal vai além de sua proposta como produto informativo, e, nas palavras de Becker (2004, p. 107), “assumindo um papel de conservação das relações de poder, e conseqüentemente, um controle social, no agendamento político e cultural do País”.

Sendo ele a “principal fonte de informação e diversão de uma parte significativa dos brasileiros” (Bistiane e Bacelar, 2005, p.9) é necessário contemplar, em uma análise, não apenas seu conteúdo, evidentemente importante, mas também fazer um exercício no sentido de se voltar para sua forma, seu modelo, já consolidado e adotado por outras emissoras, como sugere Silva (2009):

O cuidado estético, no entanto, visto na escolha dos cenários, dos locutores, da qualidade das imagens e da edição das matérias, fizeram a Globo se adequar cada vez mais às potencialidades da linguagem televisiva. O padrão foi se consolidando e o sucesso era medido pela audiência sempre crescente (Silva, 2009, p.11).

Nesse sentido, e conforme o próprio ambiente midiático sugere com a

produção de notícias a respeito, tão importante quanto a notícia passada são as condições de sua veiculação – atentar para quem está dando a notícia, o âncora do telejornal e sua atuação dentro do espaço telejornalístico, na medida em que se mostra como “um jornalista que participa de todo o processo de produção de um telejornal e, não só apresenta, como também comenta, interpreta e opina sobre as notícias” (Silva, 2009, p.1).

Afinal, se o conjunto das modalidades sensíveis da experiência de assistir ao Jornal Nacional é um dos fatores que se articulam com vivências e práticas cotidianas, os protagonistas da informação também podem fazer parte dessa lógica – desafiando a pretensa “transparência” do telejornalista, mas abrindo, por outro lado, diversos flancos para novas questões culturais e políticas.

A pesquisa exploratória realizada sugere que a emissora prefere manter um padrão estético, tendo visto que não houve participação de negras, pardas, orientais, ou outra etnia que não a branca no período de um ano analisado.

Dentre as sete jornalistas que participaram ao longo do período analisado, apenas uma fugia do padrão do telejornal. Era Cristiane Pelajo, uma das jornalistas apontadas na matéria, mencionada anteriormente, da “Notícias da TV” por estar “acima do peso”, suposição esta que já infere o que pode ser entendido como “peso ideal”, contabilizando apenas quatro aparições, a última em 15 de agosto de 2015.

O discurso da notícia, no caso, está eivado de formações relacionadas à carga política de sentidos relacionados ao “corpo perfeito”: a expressão “acima do peso”, tomada como de fácil compreensão, sugere a existência de um consenso a respeito de qual seria o “peso” do qual se estaria “acima”. Esse tipo de inferência, baseada no ocultamento de pressupostos que, uma vez explicitados, poderiam ser questionados, está inserida na lógica das razões práticas decorrentes dos processos de dominação simbólica. Sua objetivação,

no caso, resulta na ausência da jornalista de outras edições do jornal.

Como resultado observável, esse padrão também acaba por afastar da bancada jornalistas que não seguem tais especificações de cor de pele, tipo de cabelo, manequim e idade, independentemente da qualidade do trabalho da jornalista, que deveria ser o critério em jogo.

A título de ilustração, para a pesquisa exploratória foram analisados os telejornais mais assistidos (Pesquisa Brasileira de Mídia, 2013), segundo o Ibope Inteligência, com foco nos âncoras de cada um. Os telejornais em ordem decrescente de audiência, de acordo com a citação dos entrevistados para a pesquisa, são: Jornal Nacional (Globo), 34 citações; Jornal da Record (Record), 10 citações; Cidade Alerta (Record), 6 citações; Balanço Geral (Record), 5 citações; Jornal Hoje (Globo), 3 citações; Jornal da Band (Band), 2 citações; Jornal da Globo (Globo), 2 citações; Bom dia Brasil (Globo), 2 citações; Brasil Urgente (Band), 2 citações e SBT Brasil (SBT) com 1 citação.

Dentre os dez telejornais analisados, cinco são os que usam dois jornalistas na apresentação, sendo um homem e uma mulher. Além do Jornal Nacional, já discutido acima, os demais são: Jornal da Record, Jornal Hoje, Jornal da Band, Bom Dia Brasil e apenas o SBT Brasil conta com três âncoras, dois homens e uma mulher. Os demais - Cidade Alerta, Balanço Geral, Jornal da Globo e Brasil Urgente contam com a presença de um único âncora, predominantemente homem.

No caso dos telejornais apresentados por casais de âncoras, é perceptível a diferença de idade entre eles, uma das características que será mapeada na pesquisa.

No Jornal da Record, apresentado por Celso Freitas e Adriana Araújo, a diferença de idade entre os âncoras é de 22 anos. Enquanto Freitas tem 62 anos, Araújo está com 40 anos, enquanto no Jornal da Band, a diferença passa para

30 anos. Os âncoras Ricardo Boechat e Paloma Tocci tem, respectivamente, 63 e 33 anos.

A diferença de idade dos apresentadores do Bom Dia Brasil é de 22 anos, Chico Pinheiro tem 62 e Ana Paula Araújo 44 anos. E por fim, no SBT Brasil, apresentado pelo trio Rachel Sheherazade, Joseval Peixoto e Carlos Nascimento, a diferença de idade, sendo os homens mais velhos e as mulheres mais jovens, continua. Sheherazade tem 42 anos, enquanto seus parceiros de bancada têm respectivamente 77 e 61 anos.

O único telejornal que apresentou uma diferença inversa na idade, sendo a mulher mais velha que o homem, foi o Jornal Hoje, em que Sandra Annenberg (47) é oito anos mais velha que Evaristo Costa (39). É possível perceber que a faixa dos quarenta anos é recorrente no caso das mulheres, mas os homens podem chegar até a faixa dos setenta e apresentar cabelos grisalhos, característica não observada nas mulheres durante a observação.

Nos telejornais apresentados apenas por homens, Cidade Alerta, Balanço Geral, Jornal da Globo e Brasil Urgente, a faixa etária dos âncoras fica em torno dos sessenta anos, com exceção do Balanço Geral, que conta com a apresentação de Reinaldo Gottino, de 38 anos, e Luiz Bacci, de 32 anos.

Esses dados permitem questionar em por que, no caso dos âncoras de telejornais, as mulheres âncoras são, predominantemente, mais jovens que os homens e em que medida isso reflete nos padrões estéticos já apresentados. Essa pesquisa permeia por uma questão de desigualdade de gênero e cor quando se fala em telejornais e sobretudo em televisão.

Das emissoras analisadas por Silva (2009, p.33), "a Rede Globo é ainda a que mantém um padrão de qualidade diferenciado que demonstra, na prática, uma preocupação com os detalhes que incluem não só a questão dos profissionais que estão na frente das câmeras". Esses dados lançam novamente

a necessidade de se atentar a questão profissional da mulher jornalista e a partir disso, o que se pode inferir sobre a representação esperada de uma mulher na sociedade.

### **Considerações finais**

No senso comum, orientador de algumas ações cotidianas, os sistemas de representação social tendem a se objetivar em práticas que, muitas vezes, ao passarem despercebidas de seus praticantes, reforçam determinadas classificações arbitrárias que tem, como resultado, a manutenção de situações de poder (BOURDIEU, 2000; 2003). A frase “ela é muito inteligente e ainda por cima bonita”, empregada para se referir a mulheres, sugere o aspecto da beleza como algo natural, intrínseco e quesito obrigatório. O julgamento estético, implícita ou explicitamente ligado à competência profissional, é um desses arbitrários – no caso, direcionado ao universo feminino: baseando-se na pesquisa exploratória para este artigo, se tratando da mulheres, a beleza, ou a persistência de padrões já aceitos pela sociedade, deve vir atrelada à competência, sem o qual não há reconhecimento.

É questionável, nesse sentido, se a presença crescente de telejornalistas efetivamente significa algum tipo de mudança ou, no caso, uma possível ação no sentido de sugerir mudanças sem que elas se reflitam em maior escala, como aponta Martino (2010).

Rezende (2000) afirma que é improvável que o telejornalismo esteja cumprindo satisfatoriamente sua missão social, pois ao atrelar-se às grandes corporações suas motivações passam a ser muito mais por interesses econômicos e políticos do que pelas necessidades das camadas populares da audiência.

Nesse sentido, o problema de representatividade do telejornalismo não deixa de ser correlato de problemas sociais mais amplos, no qual a hegemonia de determinados padrões estéticos socialmente aceitos, quando percebida, nem sempre é discutida – e o silêncio, neste caso, reforça o padrão. Em termos simples, se é possível uma primeira síntese, se a pergunta é sobre o quão importante é a aparência na prática jornalística, a resposta, no caso de mulheres telejornalistas, parece ser “muito”.

### Referências

- ALMEIDA, K. B. **Crítica e metacrítica:** processos midiáticos e transformações do jornalismo. São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, 2016 (Trabalho de Conclusão de Curso).
- ANTUNES, R. (org). **Infoproletários.** São Paulo: Boitempo, 2009.
- BECKER, Beatriz. A Linguagem do Telejornal: Um estudo da cobertura dos 500 anos do Descobrimento do Brasil. Rio de Janeiro: e-Papers, 2005.
- BENÍCIO, Jeff. Sala de TV, São Paulo, 9 nov. 2015. Disponível em: <<http://diversao.terra.com.br/tv/sala-de-tv/blog/2015/11/09/mulheres-derrubam-ultima-barreira-na-bancada-do-jornal-nacional/>>
- BISTIANE, L.; BACELAR, L. Jornalismo de TV. São Paulo: Contexto, 2005.
- BOCAYUVA, H. **Sexualidade e gênero no imaginário brasileiro.** Rio de Janeiro: Revan, 2007.
- BOURDIEU, P. **Le sens pratique.** Paris: Minuit, 1990.
- BOURDIEU, P. **La domination masculine.** Paris: Seuil, 2007.
- BOURDIEU, P. **Language et pouvoir symbolique.** Paris: Seuil, 1997.
- BOURDIEU, P. **Raisons pratiques.** Paris: Seuil, 2007.
- CAMPOS, V. P. **Beleza é coisa de mulher?** Recife: Ed. UFPE, 2007.

CASTRO, Daniel. Notícias da TV, São Paulo, 17 fev. 2016. Disponível em: <<http://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/globo-bane-gordinhas-e-cheinhas-das-bancadas-do-jornalismo--10482>>

COLLING, A. M. **Tempos diferentes, discursos iguais**. Dourados: UFGD, 2014.

COUTINHO, I. **Dramaturgia do telejornalismo**. Rio de Janeiro: Mauad, 2012.

DADOS, Mídia. Composição da programação, 2016. Disponível em: <[https://dados.media/#/view/CATEGORY/TELEVISION/MDB\\_TVA\\_COMPOSICAO\\_PROGRAMACAO](https://dados.media/#/view/CATEGORY/TELEVISION/MDB_TVA_COMPOSICAO_PROGRAMACAO)>

GNN, Portal de notícias. 10 jan. 2014. Disponível em: <<http://jornalggn.com.br/noticia/os-telejornais-mais-assistidos-segundo-a-pesquisa-brasileira-de-midia-2013>>

GOMES, I. **Televisão e realidade**. Salvador: Ed. UFBA, 2009.

GOMES, M. R. **Comunicação e Identificação**. Cotia: Ateliê, 2008.

GONÇALVES, B. D. **Identidade feminina e inserção no mundo do poder**. Curitiba: Juruá, 2008.

GOULART, K. **Trabalho precário**: um estudo sobre as condições profissionais do jornalista. São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, 2015 (Trabalho de Conclusão de Curso).

JENKINS, R. **Social identity**. Londres: Routledge, 2012.

KERSTENETZKY, Celia Lessa. Por que se importar com a Desigualdade. Dados, 2002.

MARTINO, Luis Mauro Sá. **Comunicação e Identidade**: Quem você pensa que é? São Paulo: Paulus, 2010.

MORENO, R. **A beleza impossível**: mulher, mídia e consumo. São Paulo: Ágora, 2008.

MORENO, Vitor. F5, São Paulo, 26 fev. 2014. Disponível em: <<http://f5.folha.uol.com.br/televisao/2014/02/1418178-jornal-nacional-sera-apresentado-pela-primeira-vez-por-duas-mulheres.shtml>>

REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil**. Um perfil Editorial.

São Paulo: Summus, 2000.

RIBEIRO, José Hamilton. *Jornalistas, 1937 a 1997: história da imprensa de São Paulo vista pelos que batalham laudas (terminais), câmeras e microfones*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1998.

SILVA, Camila L.; JÚNIOR, Wanderley Marchi. *Comunicação televisiva: Reflexões e considerações sobre o telejornalismo esportivo*. *Deporte, Cultura y Comunicación*, nº 69.

SILVA, Camila Pérez Gonçalves da. *Âncora: posturas e evolução de uma atividade jornalística*, *Revista eletrônica Temática*, 2009.

TEMER, A. C. R. P. **Flertando com o caos**. Goiânia: Ed. UFG, 2014.

TEMER, A. C. R. P.; TONDATO, M. P. **A televisão em busca da interatividade**. Brasília: Casa das Musas, 2009.

TEMER, Ana Carolina R. Pessoa; ASSIS, Francisco de; SANTOS, Marli dos. *Mulheres jornalistas e a prática do jornalismo de imersão: Por um olhar sem preconceito*, *Media&Jornalismo*, 2013.

VIZEU, A. *Telejornalismo: das rotinas produtivas à audiência presumida*. In: \_\_\_\_; PORCELLO, F.; MOTA, C. **Telejornalismo, a nova praça pública**. Florianópolis: Insular, 2006.

VIZEU, Alfredo. *O telejornalismo como lugar de referência e a função pedagógica*. *Revista FAMECOS*, 2009.